

CRÍTICA TEATRO | O FORMIGUEIRO

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Inspirado na comédia de costumes que invadiu os palcos brasileiros com Martins Pena no início do século XX, “O Formigueiro” interpõe-se como um dos espetáculos mais harmoniosos no panorama teatral carioca. A comédia dramática de Thiago Marinho possui uma carpintaria exemplar, a julgar pelo encadeamento arguto e sensível que o autor exhibe. Há uma fluidez exuberante na construção da trama, na qual a logicidade apresenta-se, desaguando em efeito dramático raramente visto. Uma linha tênue entre amor e ódio fulgura nas personagens, como numa obra de Eugene O’Neill, onde a raiva exaspera-se enquanto o afeto atenua. A partir do Alzheimer da progenitora, a dinâmica familiar estabelece novos rumos. Dois irmãos, uma irmã e seu marido encontram-se para comemorar o aniversário materno, produzindo embates que oscilam entre dor e humor, numa simbiose ajustada da excelente dramaturgia. A peculiaridade dos papéis enriquece o conflito, pelo qual traumas, fragilidades, segredos, verdades são expostas, manifestando na plateia uma identificação imediata.

A direção, com supervisão de João Fonseca, é do autor, que impulsiona sua escrita com sabedoria. Tudo foi devidamente articulado, para que todas as funções exalassem verossimilhança em espontânea teatralidade. Perspicaz, o encenador obtém um naipe de



A redefinição de papéis numa família que se vê acéfala é a tônica de ‘O Formigueiro’

Homogêneo e sensível

atores talentosos, facilitando sua proposta cênica, conquistando uma uniformidade no elenco e espetáculo.

Há uma sinergia poética entre os intérpretes, além de uma retidão que transparecem comunicar. O ótimo Rodrigo Fagundes

explora sua comicidade, traduzindo a fragilidade de seu Luiz, fracassado profissionalmente. O ator, dono de uma teatralidade

potente, abrilhanta-se um pouco mais quando, no tempo certo, vai provar um stroganoff já desandado numa situação inusitada. A Joana de Roberta Brisson é seca, pragmática, desenvolvendo sua performance um pouco mais contida, repleta de nuances, numa elegância daquela que batalhou por um status diferenciado. Lucas Drummond é o mais discreto de todos, já que seu Victor dialoga com o suicídio, revelando Inteligência e carisma em sua execução. Diego Abreu desenha seu corrupto Cláudio Márcio em cores mais fortes, sem tipificá-lo. Hábeis, os quatro humanizam a atração.

Paredes, armário, fogão, geladeira são estilizados na cenografia inventiva de Victor Aragão, num contraponto de uma televisão realista, pela qual a memória se faz presente. O figurino de Luísa Galvão passeia por tons terrosos, menos o de Cláudio Márcio, que é agregado familiar. A luz delicada de Felipe Medeiros contrasta com singeleza o desespero parental. A metáfora de que ao perdemos nossas rainhas tornamo-nos mais competitivos, evidencia que “O Formigueiro” é uma obra-prima.

SERVIÇO

O FORMIGUEIRO

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1, Centro)

Até 4/2, de segunda a quarta (19h)

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Pedro Bom/Divulgação

Personagens no controle

Teatro Ipanema apresenta até domingo (25) o espetáculo “O Dia Em Que Vão Embora” sobre escritora em crise criativa surpreendida por festa organizada por seus próprios personagens. Entre memórias e textos inacabados, a autora vê suas criações ganharem vida e autonomia, invertendo papéis e assumindo o controle da narrativa. Confrontada por seu próprio trabalho, ela é forçada a encarar o passado, as perdas e os bloqueios que a impedem de escrever. A trama questiona os limites entre criador e criação.



Ricardo Sal/Divulgação

Visões do cotidiano

As crônicas de Luís Fernando Veríssimo inspiraram a dramaturgia de Ricardo Peixoto em “Vem Quem Tem”, em cartaz no Teatro Vanucci até quarta-feira (28). A montagem utiliza esquetes para retratar situações cômicas do cotidiano observadas pelo autor em transportes públicos, bares, festas, velórios e redes sociais, entre outras situações. Mesmo sendo uma comédia, o espetáculo propõe olhar crítico sobre o comportamento humano no dia a dia, focando no homem comum e suas interações sociais.



Daniel Bandeira/Divulgação

Amizade posta à prova

“Dia de Jogo” traz a história de três amigos de infância que se reencontram após anos de distanciamento. Tito, que enriqueceu de forma questionável, busca Almôndega e Cebola para ajudá-lo a encontrar a esposa desaparecida. O reencontro força o trio a revisar o passado e enfrentar divergências éticas que os afastaram. O elenco reúne Pedro Manoel Nabuco, Heitor Acosta, Kaio Raiol e Isadora Ruppert. A trama explora temas como lealdade, ética e os caminhos diferentes que a vida oferece. Até quinta-feira (29) no Teatro Laura Alvim.